

Senadora MARINA SILVA

Apresentação realizada no dia 18 de agosto de 2009 na instalação do Conselho Consultivo Internacional da Fundação Dom Cabral

Bem, primeiro eu quero, mais uma vez dizer da satisfação de poder participar desse conselho e poder também fazer aqui uma breve manifestação. Eu agradeço ao prof. Emerson Almeida, presidente da Fundação Dom Cabral; Don Jacobs, presidente do conselho consultivo da Fundação. Eu não tenho aqui uma abordagem técnica, eu vou falar do lugar que tenho ocupado durante os últimos 30 anos, que é de uma experiência vivencial, no espaço da sociedade, da política e enfim, parlamentar. E de uma experiência de cinco anos, cinco meses e quatorze dias como ministra do Meio Ambiente, no governo do presidente Lula.

Então, é muito mais o olhar de uma experiência vivencial. E acho que é muito rica essa diversidade aqui, porque são várias escutas, vários olhares, para que possamos completar uma visão que nunca será inteira, será sempre fruto de um processo em curso. Eu gostei muito quando o prof. Emerson falou de que a Fundação nunca se assustou com a idéia do impossível, porque as coisas, no meu entendimento, sempre começam no terreno do impossível. E em seguida, a gente vai fazer os ajustes para que pelo menos se torne provável e depois, elas se tornam possíveis. Pelo menos é assim que uma amiga minha, professora Alicia Fernandes, que é psicopedagoga, argentina, trabalha com os processos difíceis do aprender e do ensinar. Eu sou professora de ensino médio, professora de história de ensino médio. Então, eu achei muito interessante o impossível colocado ali, para esses desafios de transformá-lo em provável e depois em possível.

E me parece que o quase impossível transformou-se em provável muito rapidamente, já estamos aqui diante de um fruto muito importante para diferentes segmentos da sociedade, sobretudo, do mundo empresarial. Eu vou fazer uma fala com o cuidado que eu disse para o prof. Emerson, que eu tenho quatro qualidades que me fazem falar muito pouco, e que, portanto, o coordenador fique inteiramente à vontade para passar os bilhetinhos, que geralmente se passa para a conclusão final. Eu sou mulher, sou professora, sou política e sou latino-americana, então, fique inteiramente à vontade.

Eu vou falar um pouco sobre o potencial do Brasil, em termos econômicos já foi falado aqui, mas vou falar associando isso à questão das bases naturais do nosso

desenvolvimento. O contexto civilizatório de uma crise econômica e uma crise ambiental; os possíveis impactos das mudanças climáticas, enfim, sobre o mundo, mas um pouquinho sobre o Brasil. A urgência da sustentabilidade e do desenvolvimento. O percurso que eu entendo ser o caminho para essa questão da sustentabilidade e as diretrizes para o desenvolvimento sustentável no Brasil. E uma agenda estratégica, que passa por alguns processos que eu acho interessante, tudo isso a partir desse olhar vivencial.

Eu tenho a felicidade de ter aqui o Roberto Rodrigues, que foi meu parceiro de governo durante um período. Ele como ministro da Agricultura e eu como ministra do Meio Ambiente. Então, eu gostaria de começar dizendo, professor e parceiros do conselho, que o Brasil tem grandes vantagens econômicas em função de ser uma potência ambiental.

Nós temos bases naturais para o nosso desenvolvimento, que poucos países têm. Ele tem a maior floresta tropical do mundo, 22% das espécies vivas do planeta, 11% da água doce disponível no mundo. Ainda tem 60% de território com cobertura vegetal, mais de 300 milhões de área agricultável, com 51 milhões em repouso. E é uma diversidade cultural fantástica, porque somos um país que ainda temos mais de 280 povos, que falam mais de 200 línguas. E isso tudo se constitui em uma riqueza muito grande. Do ponto de vista da floresta, nós temos algo muito interessante, que é a Floresta Amazônica, que por si só já é auto-explicativa. Mas ela tem um papel fundamental na regulação do clima, na oferta de água e uma série de outros aspectos. A Amazônia é responsável pela produção de 20 bilhões de toneladas de água por dia, pelo processo de evapo-transpiração.

E responsável, segundo os pesquisadores do INPE, que é o Instituto de Pesquisa da Amazônia, em um projeto chamado Rios Voadores, responsável por 26% da água doce que é lançada nos oceanos. Logo, isso nos dá a dimensão da responsabilidade que temos, em relação ao equilíbrio do planeta e às condições adequadas para o nosso próprio país. Porque, segundo esses pesquisadores, as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, não são um deserto em função da Amazônia. Em outras regiões em que temos os desertos, é semelhante ao que seriam essas regiões sem a Amazônia. Então, a nossa responsabilidade aumenta muito. O contexto civilizatório que nós estamos vivendo, eu diria que nós estamos diante de uma esquina ética, e se a gente está diante de uma esquina, a gente pode virar para um lado ou para outro. E temos que fazer a escolha certa, girar para o rumo certo.

Mas para a gente ter uma idéia, porque eu sei que os senhores todos aqui são iniciados, 90% dos membros do painel do IPCC dizem que nós já estamos vivendo sob os efeitos das mudanças climáticas e com consequências em vários aspectos. Já, sobretudo, a agricultura, problema de desertificação. No caso da Amazônia, nós já temos dúvidas se os eventos extremos que aconteceram, de grandes cheias e secas, se já têm a ver com esse processo. Os cientistas ainda não falaram e não cabe a nós, que somos leigos, fazermos afirmações que ainda não tenham a sua base. Mas já há um processo em curso de grande dificuldade, em relação a lidar com esses eventos extremos. Estima-se que 1,6 bilhões de pessoas no mundo dependem de florestas, inclusive sessenta milhões de povos indígenas que vivem nessas florestas.

Com o aumento da temperatura e a mudança do sistema climático, obviamente que boa parte dessas florestas irá perecer ou pelo menos se transformar em savana, como é o caso da Amazônia, com uma perda em torno de 30% da biodiversidade. Somando-se ao fato de que já temos uma perda mil vezes maior de biodiversidade do que há cinquenta anos, esse processo de aceleração da mudança do sistema climático pode nos levar a prejuízos muito grandes. No caso da realidade do Brasil, nós já temos alguns problemas, segundo pesquisadores da Embrapa, com a produção agrícola. Porque os polinizadores naturais, que estão, enfim, desaparecendo, já estão levando à diminuição de produtividade em algumas culturas, em algumas regiões do Brasil. É uma pesquisa muito consistente, que foi apresentada recentemente.

Na realidade do Brasil, nós vivemos hoje, só para se ter uma idéia, com algumas espécies que estão ameaçadas de extinção. Eu não vou cansá-los com uma série de dados, mas eu acredito que isso, e eu presidi a convenção da biodiversidade durante dois anos, que envolve 180 países e isso é uma realidade em todo o mundo. No caso do Brasil, nós temos cerca de 470 espécies de plantas ameaçadas, em risco de extinção. Duzentas e trinta e oito espécies e subespécies de peixes, vertebrados e invertebrados, que também estão ameaçados de extinção. E 130 espécies de insetos e outros invertebrados terrestres, também ameaçados de extinção. Isso é só para a gente ter uma idéia do cenário que nós estamos vivendo, os prejuízos da mudança do sistema climático sobre a Amazônia.

Eu tenho aqui um levantamento sobre todos os biomas, ainda que uma coisa inicial, mas eu vou citar só a Amazônia, que é emblemática para todos nós, é de perda nos ecossistemas da biodiversidade, aumento de enfraquecimento e aumento de eventos extremos. Como a seca que tivemos em 2005 e a cheia que tivemos agora, em 2009.

Além de outros problemas, que considero, enfim, importantes. Há uma urgência nesse debate da sustentabilidade, do desenvolvimento. Em termos gerais, a idéia do desenvolvimento sustentável às vezes aparece como panacéia, como se fosse algo que se presta a qualquer ação. Não é isso, o conceito de desenvolvimento sustentável surge a partir da década de 1970, no final da década de 1980, com o relatório: Nosso Futuro Comum, que estabelece que nós devemos atender às reais necessidades das gerações presentes, sem comprometer o atendimento das legítimas necessidades das gerações futuras, ou seja, daqueles que ainda não nasceram.

No início, quando se verificou que a capacidade de suporte do planeta estava comprometida, houve a idéia de que deveria se parar o desenvolvimento. Mas veio a interrogação: para os países que já têm as suas economias estabilizadas, com atendimento de saúde, de educação, de necessidades básicas fundamentais, até seria possível. Mas para países da África, da América Latina, da Ásia, do Caribe, enfim, de várias regiões do mundo, como fazer esse congelamento, se sequer necessidades básicas foram atendidas? Então, surge a idéia do desenvolvimento sustentável, como uma forma de darmos continuidade ao processo do crescimento, sem comprometer o direito daqueles que ainda não nasceram. E é muito fácil defender os interesses do que estão aqui, difícil é defender os interesses daqueles que não nasceram.

E por que eu estou dizendo isso? Porque às vezes a gente confunde defender interesses, como se fosse uma coisa, a priori, negativa. Não é errado defender interesses, todos nós aqui, nessa sala, temos interesses diferentes e eles são todos legítimos. O problema é quando o interesse de alguns acha que pode sobrepor ao dos demais, de forma ilegítima. É por isso que existe o estado, é por isso que existem os processos negociais, para mediar esses interesses. Então, como uma forma de fazer a mediação entre interesse dos países desenvolvidos e interesse dos países em desenvolvimento, a idéia da sustentabilidade vem com uma força muito grande e um desafio muito grande, porque ela não existe ainda em lugar nenhum, é um processo em construção. E atende a determinados aspectos e à determinadas dimensões.

As dimensões clássicas da sustentabilidade dizem respeito aos aspectos à dimensão ambiental, social, econômica e cultural. Isso é clássico, inclusive dentro do sistema das Nações Unidas. Eu tenho trabalhado com mais três dimensões: a dimensão da sustentabilidade estética, a dimensão da sustentabilidade política e a dimensão da sustentabilidade ética. Porque eu acho que para esse público aqui, a dimensão econômica social, ambiental é auto-explicativa. Do ponto de vista econômico, enfim, os

senhores, mais do que eu, entendem que não se pode inviabilizar as bases naturais do nosso desenvolvimento. A dimensão da sustentabilidade ambiental diz respeito à observância da capacidade de suporte dos ecossistemas e a Terra já está no vermelho em 30%.

Sabendo que o nível de qualidade de vida que existe em alguns países do mundo, se estendido a toda a população do planeta, precisaríamos, segundo os cientistas, de pelo menos três ou quatro planetas. Como isso não é possível, nós temos que pensar um modelo de desenvolvimento que possa ser universalizado. Porque não é justo que imaginemos cidadãos de primeira classe e cidadãos de segunda classe. Não, nós caminhamos com a visão de humanidade, como algo integrado, em que todos têm direitos, ainda que em um espaço de diferenças. Então, temos que pensar um modelo que nos continue fazendo caminhar, com o sentido de que somos integrados como espécie humana, como alguém que ocupa esse lugar, que é mediado, sobretudo pela ética. Frei Leonardo Boff diz que ético é tudo aquilo que promove e sustenta a vida na Terra.

Eu achei muito interessante esse conceito de ética, porque se o que é ético é o que promove e sustenta a vida na Terra, quando nós fazemos esse movimento, estamos... O Roberto Rodrigues está me pedindo para falar um pouco mais leve, por causa da tradução. Desculpem-me os tradutores. E nem todos, obviamente, falam português aqui, a nossa língua melodiosa. Então, a dimensão da sustentabilidade ambiental diz respeito a essa capacidade de suporte dos ecossistemas. A dimensão da sustentabilidade cultural diz respeito à diferenciação que temos no nosso lugar que temos no mundo, ainda que sejamos globalizados e isso é muito bom. Porque nós podemos estabelecer a troca e a troca só acontece na diferença. Nós temos uma música, de um cantor brasileiro, chamado Caetano Veloso, que tem uma frase muito bonita, que ele diz que Narciso acha feio aquilo que não é espelho.

Obviamente que é impossível trocar com o próprio espelho, mas a gente tem a mania de achar feio o que não é espelho. E é muito bom a gente se deparar com a diferença. E a dimensão da sustentabilidade cultural diz respeito a essa capacidade de sermos únicos, no lugar no mundo, com as nossas características, com a nossa forma de ver, pensar. Mas ao mesmo tempo de estabelecer um espaço de trânsito, para podermos nos enriquecer com o olhar do outro, com a escuta do outro, com aquilo que é constitutivo da sua identidade. Sem que isso signifique a assimilação à priori ou a diluição das diferenças, que nos levaria ao empobrecimento cultural. Um modelo de

desenvolvimento que nos trate como se fosse homogêneo será empobrecedor, do ponto de vista social e cultural. Logo, os modelos de desenvolvimento há que considerar essa diversidade.

E eu me refiro à nossa realidade brasileira, com 280 povos que falam mais de 200 línguas. Um modelo de desenvolvimento que destrua esses povos, com certeza não será nada desenvolvido, será algo muito pobre, muito atrasado. Eu, recentemente, participei de uma polêmica, só a título de ilustração, aqui no Brasil, da demarcação de uma área de terra de 1.700 mil hectares chamada Raposa Serra do Sol, para vários grupos indígenas, mas tem uma etnia predominante. E esses povos acreditam que o mundo foi criado a partir do monte Roraima. Isso é uma coisa, uma cosmovisão, eles são constituídos assim, cosmologicamente falando. A nossa cosmovisão ocidental, judaico-cristã, tem em Jerusalém, digamos assim, o espaço fundante para os que têm fé. E para os que têm apenas como visão cosmológica da nossa civilização.

Qualquer pessoa que se mova na direção de desconstruir aquele espaço, pelo menos dois bilhões de seres humanos se levantariam. E por que não os seis bilhões de seres humanos, já que vivemos em uma sociedade e em uma comunidade de pensamento, em que cada vez mais há um esforço de buscarmos a tolerância, para que possamos encontrar a paz. Então, por que é legítimo para nós defender o espaço fundante da nossa cosmovisão e não é legítimo para os índios defender o espaço da sua cosmovisão? É inteiramente legítimo. E no processo de demarcação dessas terras, algumas pessoas diziam: *“-Como tirar as seis pessoas que produzem arroz e que produz muito, com tecnologia e deixar para os índios?”* E eu cheguei à seguinte conclusão, é de que era melhor tirar os seis arroteiros e deixar aquela área para os índios.

E por que isso? É para entender a dimensão da sustentabilidade cultural. Porque arroz a gente pode plantar em qualquer lugar que tenha terra fértil, água potável. E o Roberto conhece isso mais do que eu, mil vezes. A gente pode plantar em qualquer lugar que tenha terra fértil, água potável, tecnologia, e a Embrapa tem bastante. Mas um povo, com aquela cultura, com aquela espiritualidade, com aquela economia, com aquela cosmovisão, só existe naquele lugar, em todo o planeta Terra. Logo, o modelo de desenvolvimento para ser sustentável, é preciso que ele considere a preservação desse diferente, que nos torna um pouco mais rico, pelo menos na minha visão. Isso é a dimensão da sustentabilidade cultural, que é válida para todos os lugares do mundo.

Sabendo que as pessoas estabelecem trocas e que se transformam, mas não por um processo deliberado de assimilação, como às vezes a gente é tentado a fazer, em função da nossa visão antropocêntrica e etnocêntrica do mundo em alguns aspectos. A dimensão da sustentabilidade estética parece uma coisa, eu não sei, sem muito peso, enfim, fugaz, não sei explicar aqui, não encontro, pouco relevante. O professor falou que a Fundação é relevante e eu acho que é relevante. Quem são os cariocas aqui? Cariocas, não é? Tem um, dois. Vamos imaginar, é só uma metáfora, por favor, não tomem isso como uma coisa ofensiva, é uma metáfora. Mas suponhamos que uma empresa, obviamente que nenhuma dessas que passa pela Fundação e nem os conselheiros que estão aqui, Deus o livre, mas uma empresa resolvesse transformar o Pão de Açúcar em brita, porque, afinal de contas, são apenas pedras. O Rio de Janeiro iria abaixo.

O Brasil se levantaria, nós todos nos levantaríamos, contrário a qualquer coisa que desconstruísse aquele símbolo constitutivo da identidade dos cariocas, dos brasileiros e das pessoas que amam e vêm ao Brasil. Isso é dimensão da sustentabilidade estética, isso é um valor constitutivo da nossa identidade, tão importante quanto os demais. E já indo para o finalmente dessa questão da sustentabilidade, a dimensão da sustentabilidade política, que o João falou. É preciso que haja um acordo na sociedade, que haja um acordo para os empresários, em relação à sustentabilidade, para os políticos, para os governos, para todas as pessoas. E por que é importante a sustentação política? Porque não há como fazer as coisas para as pessoas, como disse o prof. Emerson. Nós temos que fazer com as pessoas, com os jovens, com os idosos, com os adolescentes, com os empresários, com os cientistas, com aqueles que estão lidando com a inovação tecnológica.

Para que o desenvolvimento seja sustentável, ele precisa ter a sustentação política. Eu tive uma experiência, que foi do plano de combate ao desmatamento, que o João Carlos falou que com essa experiência nós conseguimos uma redução de 57% do desmatamento na Amazônia, reduzindo cerca de dois bilhões de toneladas de CO₂. Com essa redução de CO₂, conversando com o ministro da Cooperação e do Meio Ambiente da Noruega Erik Solheim, apresentei a proposta de criarmos um fundo para incentivar as políticas brasileiras de redução de CO₂, desde que reduzíssemos CO₂. Toda vez que tivermos redução, faremos jus ao aporte de recursos da Noruega, quando não reduzirmos, não teremos. Inicialmente eles já aportaram US\$ 1 bilhão, de forma

voluntária. Mas a Noruega, em cima dessa experiência brasileira, criou um fundo, que me parece que é de US\$ 20 bilhões, para proteger florestas tropicais em todo o planeta.

E isso é muito bom, porque foi fruto de uma experiência do Brasil, em parceria com vários setores. E para chegar a esse resultado foi um esforço difícil, doloroso, setecentas e poucas pessoas que atuavam na criminalidade foram presas, um bilhão de metros cúbicos de madeira foram apreendidos e foram aplicados R\$ 4 bilhões em multa. Há vinte anos, 15 anos atrás, o líder sindical Chico Mendes, que é um símbolo da ecologia internacional e, particularmente, no Brasil, foi assassinado porque ele queria punir alguém que estava atingindo a sua casa, a sua colocação lá na Amazônia. Quinze anos se passaram e a sociedade brasileira deu ao presidente Lula a sustentabilidade política para que ele fizesse assim. E isso foi muito bom, porque reduzimos dois bilhões de toneladas de CO₂. E com isso, se está fazendo agora um esforço para proteger as florestas tropicais.

E por último, isso é a sustentabilidade política, porque não se faz as coisas de forma autoritária, é a sociedade que está dizendo que quer que seja feito assim. Senão, nós vamos imaginar que é só criminalizar todas as pessoas e está resolvido o problema da sustentabilidade. Não é um acordo social que será dos empresários. Porque cada vez mais nós estamos percebendo que não vale à pena sacrificar os recursos de milhares e milhares de anos, pelo lucro de apenas algumas décadas, e não é errado ter lucro. O que está nessa equação é que não queremos ter lucro por apenas algumas décadas, mas ter o tempo que for necessário, que tivermos aqui na Terra para vivermos. E ainda, essa questão da sustentabilidade ética. Eu concordo com o professor Cristóvão Buarque, que diz que boa parte dos nossos problemas não é um problema de técnica, é um problema de ética.

Se nós tivermos a decisão ética de que vamos fazer um esforço para descarbonizar as nossas economias. E não é fácil mudar do fóssil para o renovável na realidade de outros países. No caso do Brasil é diferente, tem 45% de matriz energética limpa, tem trinta anos de tecnologia metálica e biológica para a produção de bicomcombustível e tem, enfim, terra fértil em abundância. Acho que o Brasil é um dos que está melhor posicionado para fazer essa inflexão civilizatória que eu digo, dos países em desenvolvimento, porque tem os problemas, mas também tem os recursos. Outros países têm os problemas e têm muita dificuldade em relação a recursos. Por exemplo, a China, que tem uma matriz energética fóssil, porque a fonte de energia é carvão. Não há como condenar os chineses a não se desenvolver, a não atender às necessidades básicas. Logo,

é necessário transferência de tecnologia, de conhecimento, para que eles mudem o modelo de desenvolvimento, juntamente com os demais países.

Bem, por que não é um problema de técnica, é de ética? Boa parte das respostas técnicas nós já temos e estamos construindo o acordo ético, para colocarmos a nossa técnica a serviço dessa mudança de paradigma. É uma inflexão civilizatória: os países desenvolvidos são interpelados hoje pela opinião pública internacional, sobre o seu passado. O que vocês fizeram no passado, nos trouxe a essa situação. Com uma questão que deve ser considerada: se não sabíamos que iria ter esse resultado, logo não havia como ter prevenido, ter reparado. Agora, nós, os países em desenvolvimento, estamos sendo interpelados quanto ao nosso futuro: o que vocês vão fazer, no caso do Brasil, com 11% de água doce que vocês têm? O que vocês vão fazer com 60% das florestas que vocês ainda têm? E o que vocês vão fazer com os 180 povos originários que vocês ainda têm, com 22% das espécies vivas que têm?

E eu poderia falar uma série de coisas, é uma interpelação ética. E nós não temos que nos sentir incomodados por essa interpelação, para mim ela é muito boa, ela nos coloca o desafio diante desse impossível: o que podemos fazer para que isso se torne provável? E o que podemos fazer para que do provável passemos para o possível? E ao passar para o possível, nós sintamos todos realizados, porque fomos capazes de um processo em co-autoria das respostas para o desafio desse século? Qual é o desafio desse século? Criar a economia desse século, a economia do século XXI. E nós vamos atravessar esse século tendo que fazer, responder à seguinte questão, é uma equação que ninguém ainda tem a resposta: como desenvolver preservando e como preservar desenvolvendo? Como evitar os problemas que nos levam à mudança do sistema climático, sem os efeitos indesejáveis da subtração desses reparos? Quais são os efeitos indesejáveis?

Que os países não cresçam, que se perca os empregos, que as empresas não possam, enfim, fazer os seus negócios, que as pessoas não possam viver com qualidade de vida. Esse é o desafio, esse é o desafio de evitar os efeitos indesejáveis e focarmos o máximo que pudermos, empresas, governos e comunidade científica, nos efeitos desejáveis. Colocar isso mesmo, como uma equação. Agora, para finalizar, eu diria que isso não é algo que está acabado, é um processo histórico para ser construído e há uma longa jornada, e temos que dar o primeiro passo. Na realidade do Brasil, temos trinta anos de luta sócio-ambiental, com boas experiências de empresas, de governo, de sociedade, mas que ainda são pulverizadas. Eu acho que o Brasil pode dar o passo de ir

integrando essas boas experiências, transformando em políticas, não apenas políticas públicas, para podermos dar essa contribuição de mudança de modelo.

Para os países ricos, é difícil mudar as suas economias, as suas matrizes energéticas de fóssil para renovável. É justo reconhecer isso, mas para países em desenvolvimento, é justo reconhecer que para eles é difícil mudar o modelo de desenvolvimento, há de ser um processo em parceria. Não é algo mágico, é um processo histórico, é uma construção histórica. E uma instituição como essa, quando se dispõe a fazer esse debate, está dando uma contribuição com a diversidade de competências que estão aqui estabelecidas, para que encontremos essas respostas. Agora, para que isso aconteça, obviamente que não é pela onipotência do nosso pensamento, apenas por desejarmos. É bom esse espaço de desejo, mas é preciso, no meu entendimento, três coisas: a visão, o processo e as estruturas. A visão: uma visão que seja generosa, democrática, sobretudo, tendo a clareza de que não há espaço mais para apenas o discurso, há que se liderar pelo exemplo.

Isso é válido para países, para empresas, para políticos, para todas as pessoas. Uma visão que não seja desconstitutiva da diferença, que não queira diluir os sonhos, que não queira fazer uma mesmice econômica, isso não funciona. É na diversidade que nós vamos encontrar as respostas. O processo: um processo democrático, horizontalizado, onde a gente seja capaz de estabelecer lideranças multicêntricas para processos multicêntricos. Não há como ser líder de tudo e ainda ser líder do resto, tem alguém que vai liderar um processo e outros vão liderar outros processos. É uma integração de competências, é um processo de co-autoria, não é auto-suficiência, é co-suficiência. E, ainda que possa parecer sonhador falar isso em um espaço empresarial, mas eu acho que cada vez mais as empresas têm descoberto esse caminho.

Nesse desafio da mudança de modelo de paradigma, buscando a sustentabilidade, é a idéia da co-suficiência. E as estruturas: as estruturas têm que ser, no meu entendimento, tem que ter alguma plasticidade. E não se pode confundir algo que seja elástico, com alguma mobilidade, como se não tivesse firmeza. Há que ter firmeza, mas tem que ter essa elasticidade às estruturas aí de gestão pública, de gestão empresarial, criar as novas competências, novas tecnologias, os novos investimentos públicos e privados para essa nova economia, tudo isso com alguma plasticidade. E por que tem que ser assim, no meu entendimento? Tem que ser assim, para poder comportar o melhor da academia, das empresas, da sociedade, da espiritualidade, das artes, da cultura, são processos multicêntricos, paradoxais. Não precisamos, como eu li um dia

desses em uma entrevista, em uma revista chamada *Página 22*: “-Abolir a física convencional por causa da física quântica.”

Para fazer esse prédio precisa de cálculo, precisa de modelagem, de uma série de questões que fazem parte de achados da física convencional, mas não precisa negar os achados da física quântica. Existe um psicanalista italiano, chamado Mario Aletti, que ele diz que o homem aprendeu a usar a força do vento a seu favor, muito antes de dominar as leis da dinâmica eólica. Se tivéssemos descoberto primeiro as leis da dinâmica eólica, nem teríamos descoberto a navegação. Então, nós estamos diante de paradoxos, que as coisas são, mas não são, podem, mas não podem. O problema é que quando nós colocamos senões, às vezes, as pessoas já o decodificam, como se fosse um não, uma interdição. E não é, podemos nos desenvolver e precisamos, podemos produzir energia, usar a nossa grande fonte de hidroeletricidade, desde que com sustentabilidade econômica, ambiental e social.

Por último, eu quero terminar com uma frase de uma psicopedagoga também, chamada Nádya Bossa, ela é gaúcha, e ela diz: “-A realidade reponde na língua em que é perguntada.” E se nós fizermos as perguntas certas para a realidade, com a linguagem certa, com o desafio certo, nós haveremos de alcançar as respostas. Isso é válido para as empresas e para os governos. Eu tenho atuado no espaço da política durante algum tempo e nunca estive tão otimista quanto aos desafios que estão postos para a humanidade. É como nos colocarmos nesse espaço entre a crise e as soluções que nós mesmos podemos construir, na crise econômica, na crise ambiental e na crise social. Muito obrigada.